

## SABERES INTERGERACIONAIS NO REINADO DE ITAPECERICA

**Autora: Meire Jiane Vilela<sup>1</sup>**  
**Orientadora: Karla Cunha Pádua<sup>2</sup>**

### Resumo

O presente estudo é parte de uma pesquisa de mestrado em desenvolvimento junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação (PPGE) da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), cujo objetivo central é analisar o processo de transmissão de saberes relacionados ao Reinado de Nossa Senhora do Rosário de Itapeçerica, cidade localizada no centro-oeste mineiro. Essa manifestação cultural bicentenária tem como característica marcante a perpetuação de tradições familiares. Observar a participação das famílias nos ritos e práticas do Reinado de Nossa Senhora do Rosário de Itapeçerica faz crer que o festejo também se configura como um rico universo de estudo sobre o desenvolvimento de processos pedagógicos em espaços não formais de educação, sobretudo pela intensa interação entre diferentes gerações de congadeiros e congadeiras. Tais interações acontecem em um movimento incessante e garantem não só a transmissão de conhecimento, mas de preceitos e valores capazes de promover o fortalecimento das famílias e da comunidade, a partir da afirmação de sua identidade cultural. Nesse sentido, o presente trabalho traz uma pesquisa bibliográfica preliminar, que tem como ponto de partida estudos apresentados nas mais recentes reuniões da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - ANPED, principalmente aqueles produzidos pelo GT03 – Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos. A proposta dessa pesquisa bibliográfica é delinear conceitos importantes para a compreensão do processo de transmissão dos saberes das famílias congadeiras de Itapeçerica, tais como os conceitos de gerações e de transmissão intergeracional.

**Palavras-chave:** transmissão, intergeracional, saberes, tradição, reinado.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Educação do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais (PPGE-UEMG). Graduada em Administração de Empresas pela Faculdade Estácio de Sá, pós-graduada em Gestão Pública e Gestão de Instituições Federais de Educação Superior. meirejiane@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela UFMG. Professora do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação, da Universidade do Estado de Minas Gerais e orientadora da pesquisa. karla.padua@uemg.br.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa em desenvolvimento no Mestrado em Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais, que tem como objetivo analisar o processo de transmissão de saberes relacionados ao festejo do Reinado de Nossa Senhora do Rosário de Itapecerica, cidade localizada no centro-oeste de Minas Gerais.

O Reinado de Nossa Senhora do Rosário é uma festa tradicional de Itapecerica, realizada pelos membros da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, que reúne as famílias negras descendentes dos escravos que iniciaram a tradição do Cortejo dos Reis Congos há mais de 200 anos, na então Vila de Tamanduá. Essa tradição vem sendo passada de geração em geração no âmbito das famílias congadeiras, a exemplo da minha própria, que a quatro gerações tem a honrosa missão de guardar e conduzir a Coroa Perpétua de Rainha do Povo durante o festejo.

Este projeto foi concebido a partir do desejo de contribuir para a preservação dessa importante manifestação cultural, que guarda em seus ritos e práticas a memória ancestral das famílias negras de Itapecerica. Formada em Administração de Empresas, pensei inicialmente em um projeto de gestão do conhecimento através do qual eu poderia reunir, organizar e disponibilizar conhecimento relacionado ao Reinado de Itapecerica, criando assim um centro de memória virtual para difundir a cultura do Reinado. Ocorre que esse plano não levava em conta um fator importante, que me fugiu da vista como acadêmica, a força da própria tradição.

Um dos ritos mais marcantes do festejo do Reinado do Rosário de Itapecerica é a descoroação e coroação dos reis e rainhas. Esse rito acontece ao final do festejo, envolve os reis e rainhas do ano presente, que são descoroados, bem como os reis e rainhas do ano seguinte, que são coroados. É uma cerimônia simples mas importante porque representa o fim do festejo presente mas também o início do festejo seguinte, fazendo com que o Reinado nunca finde completamente. Tradicionalmente, durante a realização desse ritual o terno de Moçambique entoava o canto da Salve Rainha. Ao som das caixas, patangomes<sup>3</sup> e campanhas<sup>4</sup>, a prece católica era cantada à maneira dos negros cativos de outrora, para louvar Nossa Senhora do Rosário em agradecimento pelo Reinado que se encerra e ao mesmo tempo pedir graças pelo

---

<sup>3</sup> Instrumento de percussão típico de Minas Gerais, uma espécie de chocalho de mão, muitas vezes feito com latas de biscoito arredondadas ou calotas de carro. Dentro pode-se colocar contas de lágrimas ou chumbinhos.

<sup>4</sup> Instrumento típico das guardas de Moçambique. São chocalhos feitos de latinhas cheias de contas de lágrimas ou chumbinhos. São amarrados na canela e para tocá-los é necessário bater os pés acompanhando o ritmo das marchas.

novo Reinado que se inicia.

Com o passar do tempo, os capitães mais velhos e conhecedores das tradições foram perecendo e os mais jovens acabaram por abdicar da participação nesse rito, por não saberem entoar o canto da Salve Rainha. Para remediar a situação, os organizadores do festejo obtiveram um áudio do mesmo canto, gravado por um violeiro da cidade e começaram a reproduzi-lo mecanicamente durante o ritual da coroação.

Durante um dos festejos, em uma conversa com um dos atuais capitães do terno de Moçambique, perguntei a ele se poderíamos utilizar o áudio do violeiro para ensinar o canto aos integrantes do terno e retomar a tradição da coroação com o canto do Moçambique. Nesse momento o capitão me disse, com certo pesar, que eles até poderiam aprender a cantar, mas para realizar o ritual seria necessário que alguém “passasse” aquele conhecimento a eles. Nesse momento, compreendi que na busca de uma perspectiva acadêmica, impessoal, havia me esquecido que nós aprendemos sobre as tradições do Reinado ouvindo e observando os mais velhos, que com sua sabedoria e experiência legitimam e autorizam o uso dos saberes por eles transmitidos.

Essa conversa mostrou que a criação de um centro de memória não seria suficiente para atingir meu objetivo porque não alcançaria o principal alvo, que são as famílias congadeiras, os sujeitos que de fato mantêm a tradição e a cultura do Reinado. Uma iniciativa que não os contemple seria importante para gerar e difundir conhecimento e informação, mas não seria suficiente para promover a preservação da tradição.

Foi então que comecei a pensar que o caminho do meu objetivo passava pela compreensão do processo de transmissão de conhecimento no seio das famílias congadeiras. Era preciso compreender como elas ensinam e aprendem para só então ser capaz de promover alguma ação de educação patrimonial que as alcance plenamente. Trabalhando nessa perspectiva, enveredei pelos caminhos teóricos e metodológicos da Educação, tendo como pressuposto a ocorrência de um processo de coeducação intergeracional, que contribuiria para preservação e ao mesmo tempo para a modernização das tradições do Reinado do Rosário de Itapeçerica.

## REVISITANDO CONCEITOS E ABORDAGENS

O projeto inicial de pesquisa foi concebido a partir de incursões feitas através de estudos sobre cultura, memória, história oral e educação popular. Tais estudos foram empreendidos de forma exploratória, passando por áreas diversas à minha formação inicial, sobre as quais não tinha conhecimento prévio. Como era de se esperar, a pesquisa vem passando por reformulações com a incorporação de novas perspectivas que surgiriam a partir dos conhecimentos adquiridos de forma estruturada e orientada no curso do Mestrado. Essa reformulação passa por uma maior aproximação da pesquisa com o campo da Educação.

Ao iniciar a reformulação do projeto de pesquisa fui convidada a refletir sobre os conceitos utilizados na formulação do problema de pesquisa e da tese levantada. A proposta era explorar outros conceitos, que me levassem a outro(s) caminho(s) teórico(s), a partir da imersão no novo universo de estudos.

No curso da disciplina de Metodologia de Pesquisa surge a proposta de realização de uma pesquisa bibliográfica, tendo em mente a possibilidade de reformulação do problema ou da tese de pesquisa. Optei, então, pela realização de uma revisão teórica, de acordo com a concepção de Luna (2012).

Uma revisão teórica, em geral, tem o objetivo de circunscrever um dado problema de pesquisa dentro de um quadro de referência teórico que pretende explica-lo. A importância dessa circunscrição assume diferentes contornos, dependendo do tipo de problema em estudo, da teoria em questão e, muito frequentemente, do compromisso com a teoria daquele que julga o trabalho ou mesmo da sua concepção de teoria. (LUNA, 2011, p.89).

A revisão teórica foi considerada adequada porque o objetivo central, nesse primeiro momento, é delimitar alguns conceitos pela perspectiva da Educação e adequar a pesquisa ao universo que me introduzi como pesquisadora. Pretende-se, nesse momento, situar o problema ou a tese de pesquisa dentro do arcabouço teórico e conceitual da Educação.

Essa nova pesquisa exploratória teve como ponto de partida os trabalhos apresentados nas últimas reuniões da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - ANPED. Dentre os diversos Grupos de Trabalho existentes na estrutura da ANPED, o GT03 -

Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos foi explorado com maior profundidade, pois agrega, entre outros, o Grupo de Estudo TRAMAS - Laboratório de Pesquisa em Educação, Transmissão Intergeracional, Trabalho e Política, cujos pesquisadores desenvolvem trabalhos no campo da transmissão de saberes tradicionais e intergeracionais.

## **Uma Revisão da Abordagem Geracional**

Um dos pontos mais importantes para a reformulação da pesquisa é a revisão da abordagem geracional, já utilizada em um estudo bibliográfico realizado no curso de Pós-Graduação em Gestão Pública. Considerando como geração um grupo de indivíduos nascidos em uma mesma época, a abordagem geracional tem como foco a dinâmica das diferentes gerações, a interação entre indivíduos e grupos que nasceram em diferentes épocas.

As bases para o desenvolvimento das atuais reflexões sobre gerações foram estabelecidas por duas perspectivas, a primeira delas é chamada de visão positivista e foi apresentada por Auguste Comte, tendo como ponto principal a sucessão das gerações.

Tendo como foco a dinâmica de substituição de uma geração pela seguinte, Comte preocupou-se em estabelecer uma medida de tempo para delinear as gerações em seu constante processo de sucessão. Segundo ele, o ritmo da sucessão poderia ser calculado pelo tempo que uma geração leva para substituir a geração seguinte no contexto social e que um conflito de gerações poderia se estabelecer caso uma geração viesse a viver um tempo longo suficiente para “retardar” o protagonismo da nova geração, que traria consigo o progresso e inovação (FEIXA e LECARDI, 2008).

Nessa perspectiva, o termo geração pode ser utilizado para conceituar o conjunto de pessoas que nasceram no mesmo período histórico e, em virtude disso, receberam ensinamentos e valores familiares, culturais e sociais semelhantes, desenvolvendo assim comportamento e interesses comuns.

A partir dessa visão positivista de Comte, estudos desenvolvidos nas áreas da Administração de Empresas delimitam as gerações baseados no tempo que uma pessoa leva para interagir de forma determinante no contexto social, tomando decisões, estabelecendo suas preferências e identificando suas necessidades.

Não há um recorte universal que delimite as gerações e seus respectivos intervalos de tempo, o

Quadro 1 apresenta uma síntese da configuração usada nos estudos de Oliveira (2010), Ladeira *et al* (2013) e Tomael (2016), trazendo um recorte temporal e algumas características atribuídas aos indivíduos pertencentes às gerações Baby Boomers, X, Y e Z.

Estudos na área do Marketing e de Recursos Humanos utilizam as informações desses perfis para tentar estabelecer possíveis padrões de comportamento. No Marketing, essas informações auxiliam no traçado de estratégias para de mercado, buscando atender (ou gerar) necessidades de acordo com o perfil do grupo em foco. Na Gestão de Recursos Humanos utiliza-se tais informações na gestão de equipes, formação de lideranças e em estratégias motivacionais.

A teoria do conflito de gerações de Comte também ganha destaque na Administração de Recursos Humanos. Estudos mostraram que as diferenças de valores e comportamento entre pessoas de diferentes gerações pode causar conflitos no ambiente organizacional, comprometendo, sobretudo, o fluxo de conhecimento, já que os trabalhadores mais experientes, diante do conflito, não transmitem seu conhecimento de forma eficiente aos novos trabalhadores, comprometendo a qualidade, sobretudo, das atividades operacionais.

**Quadro 1 – As Diferentes Gerações**

Baby Boomers	Geração X	Geração Y	Geração Z
Nascidos entre 1940 e 1959	Nascidos entre 1960 e 1979	Nascidos entre 1980 e 1999	Nascidos nos anos 2000
Marcada pelo final da 2ª Guerra Mundial	Marcada pelo Movimento Hippie e Revolução Sexual	Marcada pela Revolução Tecnológica	Nativos Digitais
Otimistas em relação à mudança do mundo político, Viveram uma fase de engajamento contra ditaduras e poderes tiranos.	Céticos e politicamente apáticos, refletem as frustrações da geração anterior e assumem a posição de expectadores da cena política	Otimistas em relação ao futuro e compro-metidos em mudar o mundo na esfera eco-lógica. Têm senso de justiça social e se engajam em voluntariados.	Ativistas digitais, usam a comunicação instantânea e as redes digitais para se in-formar e se mani-festar através de grandes comunidades virtuais.
<i>Workaholics</i> , valorizam o status e o crescimento profis-sional. São políticos, formam alianças para atingirem seus objetivos.	Gostam da informalidade no trabalho e buscam o equilíbrio entre a vida profissional e pessoal.	São extremamente informais, agitados, na-siosos e impacientes e imediatistas. Acompanham a velocidade da internet.	Com tendências ao individualismo, valorizam a autonomia e usam a inteligência tecnológica para o trabalho e os estudos.

Baby Boomers	Geração X	Geração Y	Geração Z
São responsáveis pelo estilo de vida que se tem hoje, de conquistas materiais, como casa, carro e acesso ao entretenimento.	Sentem-se à vontade com a tecnologia e já têm gosto pelo consumo de equipamentos eletrônicos.	Tecnologia e diversidade são coisas naturais na vida. Usam todos os recursos do celular e precisam estar conectados.	Nasceram na era do consumismo, comportamento impulsionado pela diversidade e obsolescência programada de suas ferramentas tecnológicas
Funcionários fiéis às organizações em que trabalham, fazem vínculo com a empresa	Não se fidelizam as organizações, priorizam os interesses pessoais e não veem com bons olhos um currículo de 20 anos numa mesma empresa.	A falta de cerimônia com os pais leva à indiferença sobre autoridade. Admiram a competência real e não a hierarquia.	Autonomia e informalidade podem ser consideradas marcas dessa geração que prefere se comunicar através de mensagens instantâneas em ambientes virtuais, em detrimento do convívio e da comunicação oral.
Necessitam de justificativas profundas e estruturadas para tomar decisões.	Trabalham com entusiasmo quando possuem foco definido e têm necessidade de <i>feedback</i> .	Vivem com sobrecarga de informações, dificultando a correlação de conteúdos. Também desejam <i>feedback</i> .	São imediatistas, traço relacionado à instantaneidade sobretudo da comunicação e da obtenção de informação, sempre abundante mas nem sempre qualificada.

Fonte: Elaborado pela autora. (REIS e TOMAEL, 2016; LADEIRA, et al 2013; OLIVEIRA, 2010)

Essa é a perspectiva que se tinha em mente ao início dessa pesquisa, mas os estudos na área da Educação apresentados nos GTs da Anped se mostraram mais alinhados à outra vertente de pensamento, a chamada teoria histórico-romântica de Dilthey.

Os estudos sobre educação analisados não utilizam da generalização para atribuir o mesmo perfil de comportamento aos indivíduos que nascem em determinado período. Os estudos em Educação consideram os indivíduos em seu contexto sociocultural e empreendem estudos com foco nas especificidades de cada universo de pesquisa.

Segundo a teoria de Dilthey, o pertencimento a determinada geração é definido pelas experiências vivenciadas no contexto social e familiar dos indivíduos. Nessa perspectiva uma geração não está delimitada no tempo quantitativamente, mas qualitativamente e o mais importante não é o movimento de sucessão, mas a contemporaneidade. (WELLER, 2010; FEIXA E LECARDI 2008)

Medaets (2011) em seu estudo sobre aprendizagem no Baixo Tapajós, bem como Menezes

(2015) em seu estudo sobre os saberes tradicionais na Comunidade Mucambo (BA) ao utilizar a abordagem geracional, descrevem e exploram as características únicas de cada universo de pesquisa. A história local, as características físicas, sociais e econômicas específicas das comunidades.

Essas populações tem sua história marcada pela conquista colonial da Amazônia e os processos de ocupação/invasão subsequentes. A partir principalmente do século XVII, esses confrontos resultaram numa altíssima mortalidade das populações locais, mas também numa importante miscigenação entre os colonos portugueses e a população indígena. Além disso, a presença (embora em proporções menores que em outros estados do Brasil) de escravos negros, colaborou a compor o quadro multicultural e multiétnico, e foi a interação entre esses diferentes povos que ao longo do tempo, permite ir forjando uma população rural com características próprias (chamadas por muitos de caboclos ou populações tradicionais ribeirinhas). (MEDAETS, 2011, n.p.)

Para estabelecer o perfil das diferentes gerações, Medaets (2020) leva em consideração as características culturais específicas da comunidade. O comportamento dos indivíduos e grupos é analisado através de seu contexto social, familiar, cultural e não somente a partir da possível influência de fatos históricos globais, como a Segunda Guerra Mundial ou a universalização da internet.

No Tapajós, o dever de ajudar e servir pais e avós é uma dessas premissas morais estruturantes; ela não se restringe à infância, mas é um pilar das relações entre descendentes e ascendentes ao longo de toda a vida. Das crianças, espera-se que elas ajudem nas tarefas domésticas e nas atividades produtivas da família, que não interrompam as conversas “de adulto” e não os incomodem em suas atividades. Veremos que nessas comunidades há uma clara hierarquia entre gerações e também uma divisão sexual das responsabilidades cotidianas: cabe às crianças (e aos membros das gerações mais jovens de maneira geral) respeitar, obedecer e servir (esse é o verbo localmente utilizado) os mais velhos, assim como caberá principalmente às



mulheres o trabalho doméstico e o cuidado e educação dos filhos e netos.  
(MEDAETS, 2020, n.p.)

Os estudos em Administração consideram relevantes apenas os indivíduos capazes de influenciar o contexto socioeconômico, participando ativamente no mercado de trabalho (Gestão de Pessoas) e nas relações de consumo (Marketing). A Educação, por outro lado, se debruça com grande dedicação sobre a análise do universo das crianças e adolescentes, esmiuçando as práticas pedagógicas desenvolvidas em todos os contextos socioculturais. O recorte geracional é qualitativo (filho e pai ou adultos e crianças) e não quantitativo (nascidos entre 1980 e 1999), buscando uma análise focada nas relações estabelecidas de acordo com a cultura de cada grupo analisado.

Diante dessa nova perspectiva da abordagem geracional, percebendo o olhar criterioso que os estudos em Educação lançam sobre as comunidades tradicionais em suas particularidades e singularidades, empreende-se a análise do conceito de transmissão intergeracional dos saberes tradicionais.

### **Transmissão Intergeracional dos Saberes do Reinado**

De acordo com Setton (2012), a construção social da realidade em que vivemos é fruto da integração dos diversos sentidos que damos às experiências vivenciadas com nossos semelhantes e aos símbolos pertencentes às práticas que compartilhamos. Baseada nas conclusões de Bourdieu, a autora afirma que os múltiplos sistemas de símbolos que permeiam nossas práticas sociais, em toda sua variedade e heterogeneidade, compõem as expressões culturais que dão sentido aos nossos valores, preceitos e crenças.

Nessa perspectiva, as práticas culturais, assim como todo comportamento e ação que compõem a rotina e o dia-a-dia dos indivíduos e dos grupos, exprimindo seu modo de ser e fazer, podem ser consideradas estratégias de socialização capazes de estabelecer e manter laços sociais. Toda prática cultural pode ser considerada como um veículo de transmissão, comunhão, compartilhamento de sentidos, valores e preceitos que integram e/ou diferenciam grupos sociais.  
(SETTON, 2012)

A partir da vivência e da convivência, os sistemas simbólicos dos grupos sociais são ressignificados e seus saberes tradicionais, aqueles relacionados à forma de ser e fazer, são transmitidos de geração em geração, através da oralidade e do próprio fazer.

Através desses saberes tradicionais (assim como do saber científico), as pessoas e grupos buscam compreender o mundo e agir sobre ele. No âmbito das comunidades tradicionais, esses saberes são utilizados para satisfazer necessidades relacionadas a vários aspectos da vida comum, tais como o trabalho, o cuidado com a saúde do corpo e do espírito. Esses saberes vêm preencher lacunas geradas pela falta de acesso ao saber ou aos recursos científicos. Menezes (2015) retrata esse aspecto das “sabenças” da Comunidade Tradicional de Fecho de Pasto Mucambo:

Os saberes organizados e desenvolvidos nos termos das práticas socioculturais da lida na roça foram construídos ao longo do tempo, para atender a determinadas necessidades e demandas e responder aos desafios postos pela realidade para a obtenção dos meios de subsistência do grupo. Assim, pode-se afirmar que esses saberes possuem um ritmo de construção e realização ditado tanto pela natureza, pelas características singulares de um ecossistema específico, da organização adequada construída para tanto, como pelos sentimentos e sensibilidades que circulam na esfera cotidiana da lida na roça, lado a lado, da técnica e do instrumental. (MENEZES, 2015, n.p.)

Nas comunidades tradicionais a dinâmica social e familiar é, na maioria das vezes, marcada por uma forte hierarquia etária. Medaets (2011, n.p.), ao se referir a um estudos sobre os Cayapó Xikrin do Mato Grosso, ressalta entre os Xikrin “a fala de um indivíduo mais novo em direção à um mais velho (e mesmo um olhar direto) é fortemente desencorajada.”

Outra marca das comunidades tradicionais é o aprendizado pela observação e pela oralidade, no qual o mais jovem aprende observando a realização das tarefas, ouvindo as histórias narradas pelos mais velhos, no caso dos congadeiros, ouvindo os cantos entoados pelos mais velhos, como relata Carlos Antônio da Luz, da comunidade dos Arturos:

A gente fica por aqui, os mais véio começa a cantá. No tempo de pequeno, a vovó ficava em volta do fogo, no chão. Era minha vó por parte de pai, vovó

Carmelinda. A gente entrava e comia, depois ela ensinava a agradecer.  
(GOMES e PEREIRA, 2000, p.197. )

Esses saberes são, então, transmitidos de geração em geração dentro das comunidades, onde os mais velhos e experientes ensinam aos mais jovens os ofícios da pesca, da caça, da produção artesanal, do preparo de alimentos e remédios, da benzeção, etc. Através da observação e da participação nas atividades diárias os jovens aprendem não só o “fazer” mas também o “ser”, pois os valores e preceitos das comunidades também são transmitidos através das práticas cotidianas.

Cunha (2007, p.78) afirma que para o senso comum, “o conhecimento tradicional é um tesouro, no sentido literal da palavra”, transmitido de geração em geração. Essa definição é perfeita quando vista pelo contexto das tradições culturais afro-brasileiras, porque na maioria das vezes as práticas dessas tradições têm um sentido de resistência, preservação de algo de fato valioso, precioso, a memória étnica que o escravismo tentou apagar.

O Reinado (ou Congado) em Minas Gerais é uma tradição cultural e religiosa afro-brasileira, rica em símbolos e ritos que materializam os saberes tradicionais das comunidades negras, Em consonância com a afirmação de Cunha (2007), o Reinado é considerado pelos congadeiros como um tesouro a ser transmitido e preservado por gerações. Gomes e Pereira (2000) trazem essa realidade no relato de Arthur Camilo Silvério, tido como personalidade fundadora da Comunidade dos Arturos, localizada em Contagem/MG:

É que tem a Comunidade dos Arturo por causa do meu pai. Ele é que era o chefe e então dexô pros fio. Quando ele morreu - tava em véspera de morrê - ele entregô pra mim que tomasse conta dos menino, pra mim num dexá caí a irmandade. E então nós viemo - a famia tudo reunido com a gente e fez a Comunidade dos Arturo. Aqui na Comunidade do Congado, umas duzentas pessoas mais ou menos. Todos participa da festa. (GOMES e PEREIRA 2000, p. 163)

Os jovens congadeiros aprendem a tradição, acompanham os mais velhos na realização dos ritos, buscam o aprendizado e querem saber fazer. Inseridos no contexto desde muito pequenas, as crianças adquirem gosto e se identificam com a tradição. Na comunidade dos Arturos o

aprendizado começa na família, onde as crianças aprendem desde cedo observando os pais e ouvindo sobre seus antepassados. Geraldo Arthur Camilo, Rei Congo e integrante da Comunidade dos Arturos fala sobre a busca das crianças pelo aprendizado da tradição:

Ah, os menino fica aí. Vem um, vem outro, de todo lado. Quando vê já pegaro as latinha e vão cantando os ponto do Moçambique e do Congo. Desde aqui ó, vão lá embaixo pra tirá rainha. Depois vem perguntá: Vovô, cumé aquele canto pra tirá rainha? Tá certo assim? (GOMES e PEREIRA, 2000, p. 200)

O mesmo acontece em Itapecerica, onde os saberes do Congado são transmitidos de geração em geração, de formas diversas, com o compromisso de manter viva a tradição, a riqueza da comunidade. As coroas congas e perpétuas são transmitidas de geração em geração dentro das famílias guardiãs, os jovens mordomos recebem de seus antecessores as chaves dos cadeados<sup>5</sup> e os jovens capitães assumem o comando dos ternos, conforme Dona Lena, mãe do Terno de Moçambique relata no documentário Na Angola Tem (2016):

Ué, tradição é assim ó, vem do avô dele né, o avô dele tinha um moçambique, aí o avô dele morreu, passô pro filho, que era o tio Bastião, aí o tio Bastião largô e passô pra ele, o Antoin. O Antoin vem tocando essa tradição [...]

Durante o festejo de Itapecerica, os congadeiros vivem plenamente sua ancestralidade, a memória do sofrimento dos seus antepassados e do orgulhos de suas origens africanas. Através dos ritos do Reinado os congadeiros evidenciam a importância dessa tradição para a resistência de suas raízes étnicas. Essa importância fica evidentes até no canto dos congadeiros:

Marcha entoada por ternos de Moçambique, Congo, Marinheiro e Catupé

Ai mamãe, não deixa seu filho chorar  
Ai mamãe, não deixa seu filho chorar  
Não deixa a Coroa cair  
Não deixa o Reinado acabar

<sup>5</sup> Mordomos são os guardiões das Bandeiras Santas. No primeiro dia do Reinado eles conduzem as bandeiras até a Praça da Santa Cruz, elas são encaixadas nos mastros e na ponta coloca-se um cadeado, cuja chave fica em poder dos Mordomos. Os mastros são levantados e no encerramento do Reinado os Mordomos trazem as chaves para a abertura dos cadeados.

Marcha composta em homenagem ao aniversário de 200 anos do festejo

Viva a estrela lá no céu  
Viva o nosso chão sagrado  
Viva a nossa tradição  
Duzentos anos de Reinado

Marcha entoada por terno de Catupé, Congo e Marinheiro, geralmente para despedida

Se a morte não me matar tamborim  
Se a terra não me comer tamborim  
Ai ai ai tamborim  
Eu quero viver pra ti tamborim

É extremamente relevante que os congadeiros tragam nos cantos o anseio pela preservação do Reinado, pois esse canto é a expressão máxima das guardas que fazem o festejo. A mensagem desse canto precisa ser ouvida por todos, com respeito e muita atenção, pois quando os congadeiros rogam à Mãe do Rosário pela preservação do Reinado eles o fazem com força a fé que os move; Quando os congadeiros dão “vivas” à sua tradição eles mostram o grande orgulho que tem de suas raízes; Quando os congadeiros se comprometem a viver para seu tamborim, eles não desejam outra coisa senão fazer pelo menos mais um festejo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Novas incursões teóricas e metodológicas apresentaram novos caminhos, novas possibilidades e requerem novas decisões, lembrando que a prática da pesquisa parece nunca findar diante de um universo tão rico e fértil como o dos estudos culturais.

A revisita ao conceito de gerações foi importante para adequar a perspectiva, já que a abordagem antes utilizada não era suficiente para a compreensão da dinâmica intergeracional nas comunidades tradicionais. Eventos como a Segunda Guerra Mundial ou a Revolução Digital não são os eventos mais relevantes para a compreensão das relações intergeracionais em comunidades como a dos Arthuros e a de Fecho de Pasto Mucambo. É o olhar apurado sobre o contexto das comunidades que traz riqueza e profundidade aos estudos em Educação. Os artefatos culturais de cada comunidade, a forma como organizam o trabalho, os hábitos e costumes, tudo é importante para compreender a dinâmica geracional, que é única em cada

comunidade.

Com relação aos saberes tradicionais, entende-se que sua transmissão se dá através de um complexo processo de socialização, no qual as diferentes gerações compartilham os diferentes sentidos que cada uma atribui às experiências e vivências. Nesse sentido, mesmo diante de uma possível hierarquização etária, a coeducação se faz presente, na medida em que os sistemas simbólicos que compõem a cultura são constantemente ressignificados pelas gerações em formação, e esses novos significados são sempre assimiladas, em alguma medida, pelas gerações formadoras.

A presente revisão teórica evidencia a necessidade de uma maior aproximação da pesquisa com o arcabouço teórico conceitual da Educação. No entanto, cumpre esclarecer que não se pretende abandonar qualquer conceito ou perspectiva. A visão positivista da abordagem geracional pode contribuir para a análise da dinâmica social e familiar das diferentes gerações. A coeducação intergeracional, considerada na tese inicial, pode se mostrar presente no processo de ensino-aprendizado das famílias congadeiras de Itapeçerica. Os conhecimentos adquiridos através dessa revisão teórica são complementares e vêm para aprimorar o estudo, dando melhor direcionamento às investigações e sobretudo ao embasamento teórico conceitual da pesquisa.

A presente revisão teórica foi iniciada com o objetivo de aprimorar a pesquisa de mestrado em andamento e nesse sentido se mostrou definitivamente próspera, sobretudo por suscitar questões como: Quais as perspectivas dos mais velhos em relação à preservação dos seus próprios saberes? Quais as expectativas dos jovens diante do desejo natural de modernização versus a responsabilidade pela preservação? Como os jovens nascidos na era das interações tecnológicas lidam com a prevalência da oralidade?

Essas questões talvez sejam respondidas ao final da pesquisa de mestrado ou talvez ensejem novas pesquisas. Fato é que elas certamente se somarão a muitas outras, pois novas e intrigantes descobertas são experimentadas a cada etapa deste trabalho.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Documentários

**Na Angola Tem.** Direção de Talita Viana e Sebastião Rios. Documentário produzido em parceria com o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e com a Fundação de Apoio à Pesquisa da Universidade Federal de Goiás. Brasil, 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=AyhB2LnEZK0&t=24s>. Acesso em 10/09/2022.

### Livros

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães e PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Negras Raízes Mineiras: Os Arturos.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2000.

OLIVEIRA, Sidnei, **Geração Y: O Nascimento de uma nova versão de líderes.** São Paulo: Integrare Editora, 2010.

LUNA, Sergio Vasconcelos de. **Planejamento de Pesquisa: Uma introdução – elementos para uma análise metodológica.** São Paulo: EDUC, 2002.

### Revistas e Periódicos on-line

BRUNO, Reginalva dos Santos. **Relações entre Festas Populares e Educação no Contexto da Festa dos Milagres de São Roque no Município de Amélia Rodrigues - BA.** 39.<sup>a</sup> Reunião Nacional da ANPED, 2019. Disponível em [http://39.reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/sites/3/trabalhos/4962-TEXTO\\_PROPOSTA\\_COMPLETO.pdf](http://39.reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/sites/3/trabalhos/4962-TEXTO_PROPOSTA_COMPLETO.pdf)>. Acesso em 02/09/2022

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico.** São Paulo: Revista USP, n.º 75, p. 76 a 84, 2007. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13623/15441>>. Acesso em 02/09/2022

FEIXA, Carles e LECCARDI, Carmem. **O conceito de Gerações nas teorias sobre juventude em Dossiê: A Atualidade do Conceito de Gerações na Pesquisa Sociológica.** Fórum de Sociologia da ISA: Espanha, 2008. Disponível em <https://www.scielo.br/j/se/a/QLxWgzvYgW4bKzK3YWmbGjj/?lang=pt>>. Acesso em 30/08/2022.

LADEIRA, Lilian Bonsanto, *et al.* **O Conflito de Gerações e o Impacto no Ambiente de Trabalho.** IX Congresso Nacional de Excelência em Gestão. Rio de Janeiro (UFF), 2013. Disponível em <https://silo.tips/download/o-conflito-de-geracoes-e-o-impacto-no-ambiente-de-trabalho>>. Acesso em 01/09/2022.

MEDAETS, Chantal Vitória. **Práticas de Transmissão e Aprendizagem no Baixo Tapajós: Contribuições de um Estudo Etnográfico para a Educação no Campo da Amazônia.** 34.<sup>a</sup> Reunião

Anual da ANPED: 2011. Disponível em <http://34reuniao.anped.org.br/images/trabalhos/GT03/GT03-616%20int.pdf>. Acesso em 20/07/2022.

MENEZES, Isabel Dantas de. **Sabenças na Comunidade Tradicional de Fecho de Pasto Mucambo**, Antônio Gonçalves (BA). 37.<sup>a</sup> Reunião Anual da ANPED: 2015. Disponível em <http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-GT03-3695.pdf>. Acesso em 20/07/2022.

REIS, Elismar Vicente; TOMAÉL, Maria Inês. **A Geração Z e as Plataformas Tecnológicas**. VI Seminário em Ciência da Informação. Londrina: 2016. Disponível em <http://www.uel.br/eventos/cinf/index.php/secin2016/secin2016/paper/viewFile/247/223>. Acesso em 01/09/2022.

WELLER, Wivian. **A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim**. Revista Sociedade e Estado, vl. 25 n.º 2: 2010. Disponível em <https://www.scielo.br/j/se/a/pYGppjZyvTjJH9P89rMKHMv/?lang=pt#:~:text=O%20conceito%20de%20gera%C3%A7%C3%B5es%20vem,ou%20como%20categoria%20pouco%20teorizada.>> Acesso em 29/08/2022.

### Teses e Dissertações

MEDAETS, Chantal Vitória. **“Tu Garante?”: Aprendizagem às margens do Tapajós** [online]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2020. Disponível em <https://doi.org/10.7476/9786557250402.>>. Acesso em 21/07/2022